

KARIN GANA

Presenças Negras no Livro para as Infâncias

PIRACICABA

De 29 de Maio a 23 de Novembro de 2025



REFLEXOS DE IDENTIDADE

LUIZ DEOCLECIO MASSARO GALINA
Diretor do Sesc São Paulo

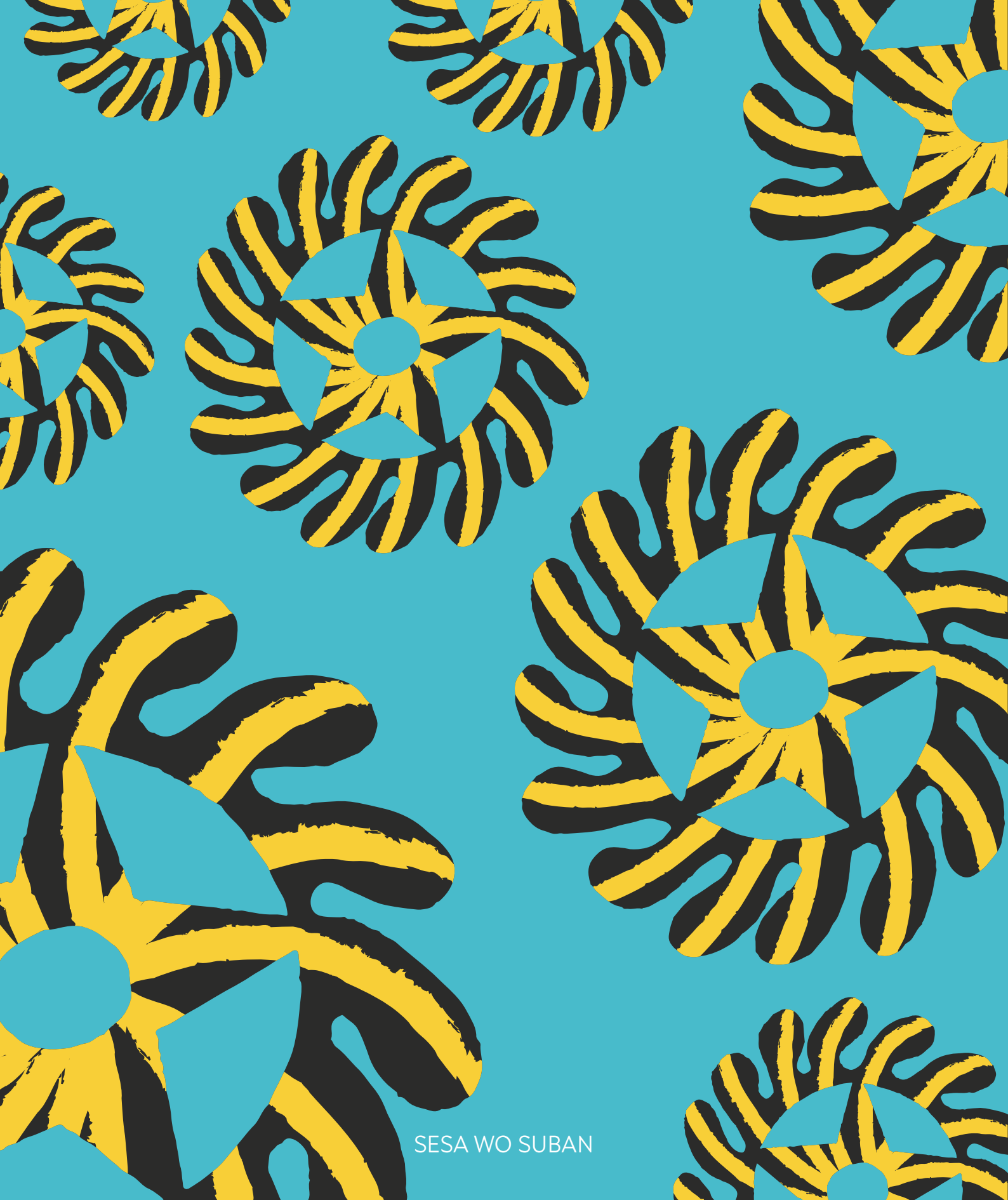
Segundo os arquétipos da tradição e espiritualidade iorubá, a orixá Oxum porta um espelho por meio do qual pode ver a si própria e também o que está atrás dela, fornecendo-lhe confiança e segurança nas batalhas. Além disso, há a perspectiva que considera o reflexo como meio para enxergar sua ancestralidade – quem veio antes, fundamento orientador das tradições africanas.

No período de formação infantil, as crianças têm os primeiros contatos com saberes, valores e práticas que serão elementares para seu desenvolvimento. Portanto, é muito importante nessa fase da vida o contato com diferentes referências socioculturais, sobretudo aquelas nas quais elas conseguem se reconhecer, efetivando a construção da autoestima e apreciação de sua história.

A exposição **Karingana – Presenças Negras no Livro para as Infâncias** apresenta a produção contemporânea de ilustrações para livros infantis de autoria negra no Brasil, possibilitando a imersão em seus imaginários por meio de espaços lúdicos para encontros com os livros e os universos fantásticos produzidos por suas imagens. Com curadoria de Ananda Luz, a mostra se fundamenta nos valores civilizatórios afro-brasileiros sistematizados pela pesquisadora Azoílda da Trindade: oralidade, comunitarismo ou coletividade, ancestralidade, religiosidade, energia vital (axé), ludicidade, memória, musicalidade e corporeidade.

Tais elementos evidenciam modos de vida das populações negras, mas também permeiam as práticas culturais da sociedade brasileira como um todo, constituída essencialmente em processos de ‘amefricanização’, como afirma a intelectual Lélia Gonzalez. Dessa forma, a exposição possibilita uma vivência de aprendizagem para diversas infâncias e busca contribuir para uma educação antirracista por meio da arte, criando caminhos para a construção de diálogos sobre as identidades e suas diferenças.

Sob uma perspectiva socioeducativa, por meio desta realização o Sesc promove a difusão de produções artísticas que dão visibilidade a experiências distintas, e aposta na sensibilização dos públicos para o reconhecimento e valorização de manifestações culturais com as quais todas as pessoas possam se identificar e exercitar a alteridade, estimulando a convivência e as relações comunitárias em contextos mais plurais e democráticos.



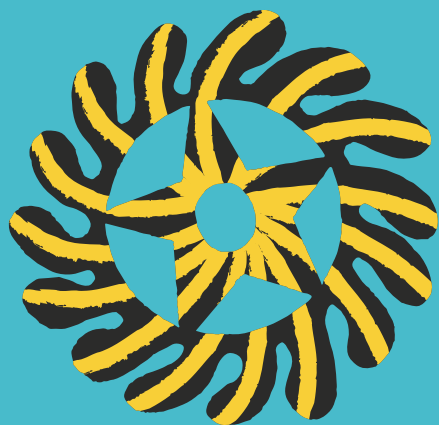
SESA WO SUBAN

KARINGANA: PRESENÇAS NEGRAS NO LIVRO PARA AS INFÂNCIAS

ANANDA LUZ¹
Curadora

Ao nomear a exposição, tivemos o cuidado de buscar um nome que imprimisse toda a experiência e encantamento que estão vivos nesse percurso. Porque o ato de nomear é dar vida à exposição e tudo o que ela pode dialogar com você, conosco. Nomear se torna um ato de amor e valorização, mas principalmente de proporcionar existência e construção de identidade. Por múltiplos caminhos, essa exposição se propõe ao encontro com infinitas formas de existências.

1- Ananda Luz ama tanto ler livros para a infância que se tornou uma pesquisadora dedicada a esse tema. Ela concluiu o mestrado no programa de pós-graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais na Universidade Federal do Sul da Bahia (PPGER-UFSB) e é aluna de doutorado em Difusão do Conhecimento pela Universidade Federal da Bahia (PPGDC-UFBA). É coordenadora da pós-graduação O Livro para a Infância, na A Casa Tombada.



Karingana, termo de origem moçambicana, é parte de um diálogo entre quem conta a história e quem escuta. Quem conta fala “Karingana ua Karingana”, e quem deseja ouvir a história fala “Karingana”. Não é somente pergunta e resposta. É convite para ouvir e acolhida para o contar, em um movimento lúdico e coletivo, no qual as histórias contadas, por serem parte da vida, tornam-se vivas em cada pessoa que faz parte dessa roda. Por isso, as histórias não têm fim. Reverberam na coletividade. Em quem conta, quem ouve, nos livros, em quem lê, em quem escreve, em quem ilustra, em quem edita, as histórias contam mais e mais nessa relação entre pessoas. Em cada história habita uma multidão. Uma leitura individual, uma mediação, uma contação de histórias e o próprio objeto livro são territórios de encontros com diversas pessoas e linguagens.

Quando pensamos no livro para as infâncias, há o encontro com a ilustração realizada por artistas que vão expandir leituras, corpos e vozes. A ilustração se une à escrita e ao design para narrar histórias que encontram outras histórias, ou não. Pois, por muito tempo, os criadores de livros invisibilizaram e estereotiparam histórias, culturas e pessoas. Personagens negras, quando apareciam nos livros, ou estavam em situações de violências ou não tinham uma narrativa que lhes apresentassem e valorizassem, tornando-as desinteressantes

para quem as lesse. Muitas não tinham nomes, famílias, desejos ou suas representações eram desumanizadas. A mulher negra, por exemplo, representada frequentemente com avental e lenço na cabeça, e a desvalorização da cultura africana e afro-brasileira como algo primitivo, eram — e ainda são — muito comuns nos livros. E as infâncias que um dia se encontraram com essas representações estereotipadas sofreram. A infância de uma criança negra, privada do direito de encontrar a beleza em si mesma, em sua história e em seus ancestrais, sofreu. Essa criança que foi furtada da oportunidade de encontrar, nos livros, espelhos que refletissem o quão plural e incrível ela é, sofreu. E a infância que não sofre por se encontrar constantemente no livro, perde a oportunidade de conhecer mais, ampliar as percepções das outras pessoas e de si e, principalmente, de saber que ao seu redor há muitas vidas e cada uma delas carregam em si muitas, mas muitas histórias que precisam ser contadas. O acesso às histórias é um direito, é uma possibilidade de mergulhar em si próprio e, ao mesmo tempo, encontrar inúmeras outras pessoas e suas diferentes formas de ver, ouvir, ser e estar no mundo.

A ilustração negra é um convite para construir outras possibilidades. É uma convocação para repensar corpos colocados na invisibilidade. É o encontro com o corpo do menino negro brincante, sendo

astronauta ou recebendo cafuné. É encontrar a menina negra dançando, mergulhada entre livros ou se relacionando com sua ancestralidade. É também poder conhecer histórias nunca ouvidas de pessoas incríveis que transformaram o nosso país.

A exposição Karingana: Presenças Negras no Livro para as Infâncias apresenta um panorama das ilustrações negras no Brasil, sem ter, contudo, a intenção de esgotá-lo. Isso porque o panorama é enorme, e seria preciso outras edições para acolher todos, todas e todes que ilustram livros para as infâncias. Ainda bem! A chegada de artistas negras e negros na ilustração é perceptível. São pessoas que amam seus corpos e se conectam com suas histórias, por isso retratam seus personagens com tanta beleza. A cada livro eles e elas têm a certeza de que alguma criança negra terá a oportunidade de encontrar a beleza que carrega consigo. E trazer tudo isso para a exposição é uma forma de registrar e apresentar para muitas pessoas esses pluriversos.

Achegue-se e se aconchegue nesse percurso de narrativas. Encontre-se! Encontre outras pessoas! Se abra para cada página! Ame cada corpo e história que encontrar! Karingana!

IMAGINÁRIO LUZ NEGRA

HELOISA PIRES LIMA

Imagine uma luzinha correndo, sem querer saber onde fica a entrada ou a saída da exposição. Ela está lá e lá! Cadê, cadê?


O brilho talvez tenha ido parar na espuma do oceano? No reflexo dos espelhos? Ou na escama do peixinho morador de águas cristalinas? Quem sabe uma fagulha da emoção de corações sentados nas almofadas querendo ouvir uma história iluminada? Aliás, há tantas delas espalhadas no percurso.





Cada ideia brilhante para a cara de cada livro, que é a cara de quem desenhou a história. Quem já tinha visto um Carômetro? Se não ficou cara a cara com os livros, aproveita o farol que existe na ponta do teu dedinho. Sempre é tempo de escolher quem, primeiro, conhecer. E nunca mais esquecer que a travessia abre a visão e o escutar. Então, acorda, orelha! Tem a hora da palavra Karingana? E o ideograma? E o afrofuturismo? Quem entrou na exposição pode ter virado o mais sabido ou sabida sobre um lugar chamado África. E que lá tem sol, lua e estrelas ainda desconhecidas por aqui e por ali.





Então, há muito tempo ainda para aproveitar o risque e rabisque com a luzinha por todo o espaço brincante de onde saltam descobertas, às vezes, do bem lá embaixo ou do bem lá em cima. Igual o pezinho do Benedito, que não sossega. Dançando com o passado, a personagem animada faz girar o futuro. Só falta dizer que há desenhos para se sentir no lugar de quem fez o traço, há aqueles para inventar junto, e outros para admirar e guardar na cachola. A mostra Karingana é também um desenho onde cada visitante pode criar o seu e, assim, aumentar a roda para escancarar a força e a boniteza do ponto de vista de ilustradores e ilustradoras negros saídos de alguns livros contemporâneos para as infâncias e meninices. E este livreto, na batida do instante ido, podendo voltar a ser visitado, se quer fazer um pouco memória de vivências maiores que ele. Delineado por muitos, deixa gravado nestas folhas uma ótica antirracista e curadora, realizada pela equipe do Sesc e por Ananda Luz.

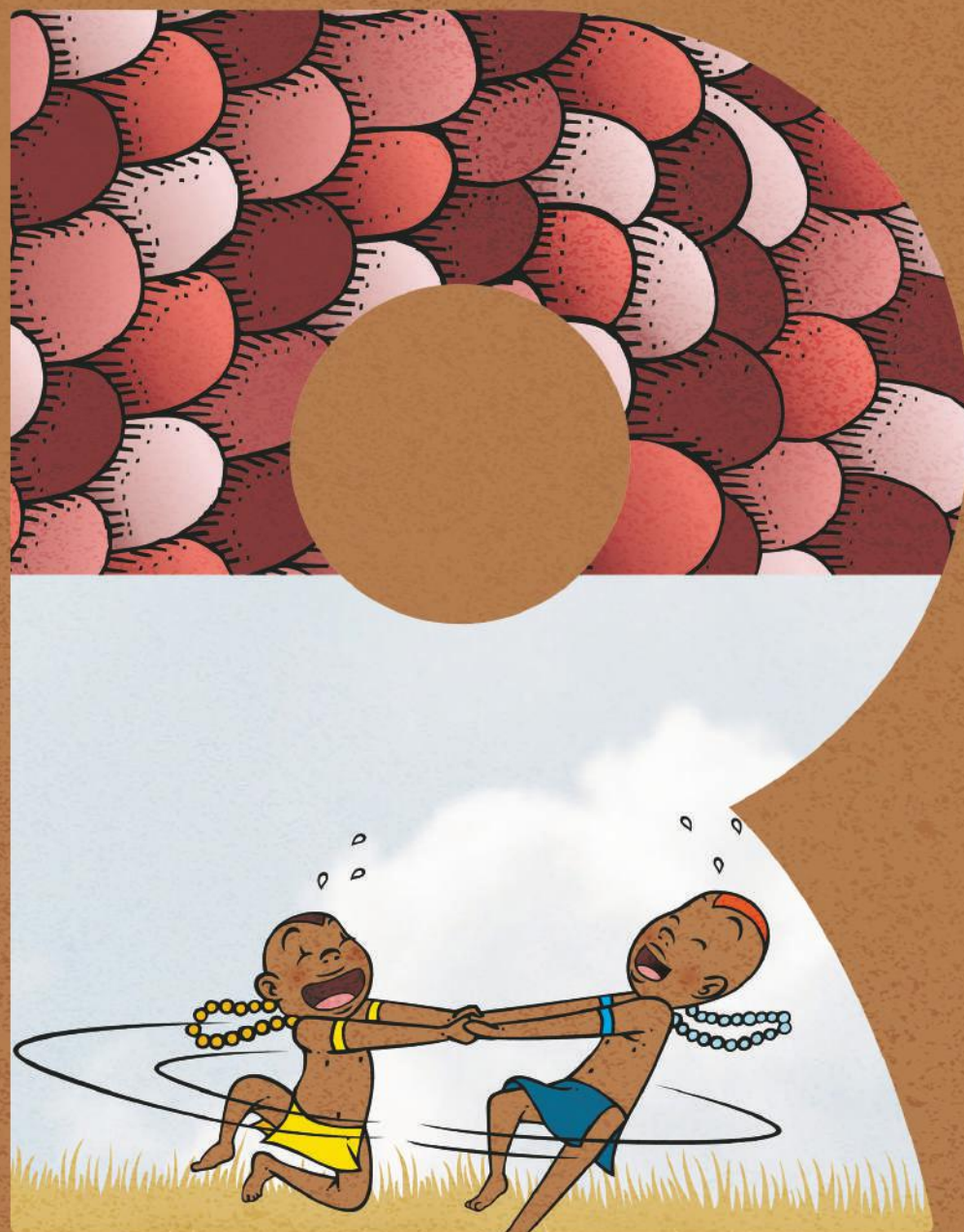




Você viu aquela ideia escorregando pelo braço com uma baita vontade de virar um traço? Pois ela saltou da Literatura por uma passagem secreta. Quer continuar essa história? Começa de dia ou, talvez, noite? Poderia ter uma árvore? Ou a sombra dela? Qualquer árvore pode ser uma gigante. Um Baobá? Por onde inicia a primeira linha para desenhá-la? Depois de experimentar, busque conhecer como a ilustradora IANAH MAIA fez o desenho de uma ideia bem parecida no livro *Uma aventura do Velho Baobá*. Tente ler os detalhes de como a ilustradora contou cada parte da história conversando com a escrita. Nem te conto sobre a tinta que ela usou. Foi retirada do solo. Geotinta com vários e diferentes tons. Igual à sementinha que brota do chão numa parte do livro. Descobriu onde? Então, já consegue ler não apenas as palavras, mas também as imagens saídas do miolo da imaginação de alguém.



Tudo começa com um risco, rabisco. Pode ser com lápis, pincel ou só com as mãos, os braços, pernas, o corpo todo bailando e criando linhas no ar. ALINE BISPO, na obra *Serena Finitude*, faz as cores dançarem e pintarem as páginas. Reparem como ela ilustra misturando folhas, galhos e flores reais recolhidas da natureza. Foi o jeito que ela encontrou para decifrar o dito no que estava escrito. Afinal, dá para embaralhar ventos de ideias assim?



Quem já aprendeu a fazer um colar? Um fio transpassa uma conta e outra. Que trabalhadeira! Seria mais fácil apenas desenhar? Por onde começar? Pela conta ou pelo cordão? De uma cor ou multicoloridas? Pode ser um símbolo para vestir como quer mostrar o ZEKÁ CINTRA no livro *Oranyan e a Grande Pescaria*.

Ali, os colares não são simples colares. São objetos religiosos energizados pela fé como os terços, estrelas de Davi ou cachimbos sagrados usados por pajés. São arrumações capazes de encantar o mundo, a vida e o olhar. Igual caleidoscópio. Gira e muda, vira e mistura tudo outra vez através de espelhos sem fim. É a gira das guias que escolhem palavras para alimentar a boca caleidoscópio que flutua sobre as águas das origens africanas.



Como colorir a pele linda de uma pessoa negra? Porque pode haver vários tons. Por qual decidir? O mais intensamente negra ou mais serenamente negra? Todas, entretanto, com uma história em comum. Seria a origem africana? Sim, mas não somente a pele. Viver essa origem pode ser gostando de olhar para as galáxias, de curar corações e mentes, cuidar de animais e plantas, não esquecer Nelson Mandela e Wangari Maathai, inventar caminhos, criar infinitas histórias e desenhá-las inteirinhas de um ponto de vista verdadeiro consigo mesmo. Sempre pode haver um modo de ser único em cada personagem parecido com outro real. LAHIZA MORENO viveu a experiência, junto com ilustradores e ilustradoras que moram em lugares diferentes, mas que estão conectados a uma ancestralidade em comum. Ei, você! É o título da obra que quer contar sobre o amor por todas as crianças negras do mundo. Você também ama cada uma delas?



Benedito, o tocador de alfaia criado por JOSIAS MARINHO, larga a chupeta em qual página? E como o ilustrador conseguiu espalhar o som dos instrumentos por entre as folhas? E, quando a criança usa as baquetas, o que acontece com o corpo dela? Por trás do conto, você sabia que Benedito quer dizer “aquele que é abençoado”? Também tem o São Benedito, para quem se pede proteção na Congada que leva o nome dele. Dizem que a festa é a lembrança dos reis e rainhas do antigo reino do Congo, na África, para quem os súditos começavam a congar, isto é, dançar. Então, quantos Beneditos existem dentro de um Benedito só?



Existe um lápis afrofuturista que te leva para o amanhã, bem para lá do distante do hoje. O desenhista começa a sonhar naturalmente, conseguindo trazer todo esse recheio que nasce na mente, para o aqui e agora. É o que faz TUTANO NÔMADE em Afrofuturo Ancestral do Amanhã. Mão cuja pele é o universo, começa o movimento de aconchegar os personagens para sonharem juntos. O ilustrador capricha na beleza negra e veste cada qual com cores, tecidos com textura e adornos que transportam quem lê para encontros com uma sabedoria afro-ancestral. Esse lápis fantástico tem o poder de mudar a realidade.



Dia de aniversário nosso ou de quem a gente gosta é sempre especial. Melhor ainda quando tem festa. É tão maravilhoso o tempo de comemorar de novo e de novo e de novo outra vez. Para essa hora fantástica, que tal criar uma roupa espetacular? Mas, ao invés de imaginá-la confeccionada com tecido, use folhas, flores, borboletas, joaninhas e o que mais idealizar. A CAROL FERNANDES, no livro *Fevereiro*, criou uma saia rodada com a água do mar. E nela, peixinhos seguindo a correnteza. Que ideia boa pra mergulhar!

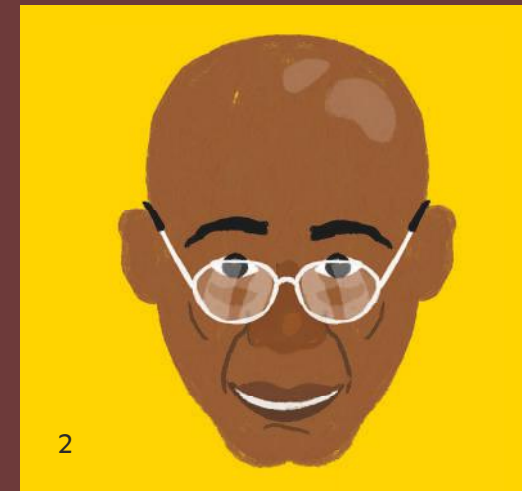


Em uma das páginas em que ANI GANZALA ilustra a história Beata: a menina das águas, acontece uma chuvarada daquelas. E dentro da chuva tem uma paisagem. E dentro da paisagem tem uma comunidade. E dentro da comunidade há pessoas que lutam. Nesta história, elas enfrentam o racismo. Como colocar sentimentos na imagem que conta a história?

LIVRO ILUSTRADO

Se todo livro tem costas, então tem
frente também.
A frente é a cara do livro.
O título? Igual nome de batismo.
O formato? Magrinho ou musculoso.
Pequeninho ou grandão,
que nem gente.
Todo livro tem língua.
E o miolo pode ser afro, euro
ou nativo americano.
Ilustração de livro é pensamento.
Tem até racista sem noção.
Ou protagonista feminista.
Enfim, a ilustração de um livro
é um corpo com emoção.

1. Maurício Veneza
2. Rubem Filho
3. Fernanda Rodrigues
4. Edmilson Quirino dos Reis (Coyote)
5. Josias Marinho
6. Isabela Santos
7. Zeka Cintra
8. Cau Gomez
9. Sandro Lopes



CARA ILUSTRE

Se uma ilustre pessoa tem
frente e costas,
Então é que nem capa e contracapa.
A cara é capa. A forma humana
é tal qual desenho gráfico.
Antes de nascer, o futuro
dela é página em branco.
Mas, nascida, logo recebe um
registro, igualzinho um livro.
Toda cara tem uma história como
a de um livro de imagens.
História de andanças,
de saltos, nados e voos.
Com trechos tristes, muito alegres,
raivosos ou apaixonados.
E assim, imprimindo uma vida,
a ilustre cara luta e se empondera.
Então, faz uma dedicatória
para cada uma delas.

- 10. Ayodê França
- 11. Edson Ikê
- 12. Tamires Lima
- 13. Ana Cardoso
- 14. Pakapym
- 15. Luciana Nabuco
- 16. Maria Chantal
- 17. Bárbara Quintino
- 18. Flávia Carvalho



10



11



12



13



14



15



16



17



18

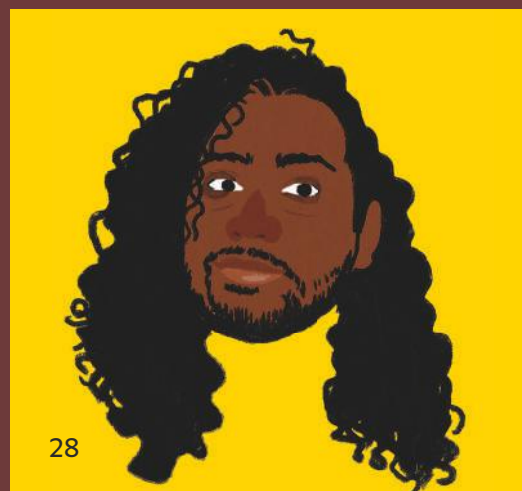
CARÔMETRO

Cara vira. É livro! Livro vira. É cara!
De um lado, 47 ilustrações e,
de outro, quem as criou.
Brincadeira boa de conhecer,
descobrir e virar uma nova contação.

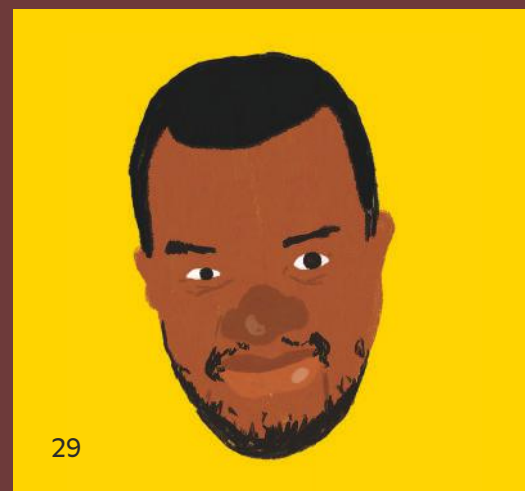
Textos de Heloísa Pires Lima



- 19. Liu Olivina
- 20. NeMaria
- 21. Régis Rocha
- 22. Ana Maria Sena
- 23. Aní Ganzala
- 24. Carol Fernandes
- 25. Juba Rodrigues
- 26. Quezia Silveira
- 27. Rebeca Silva



28



29



30



31



32



33



34



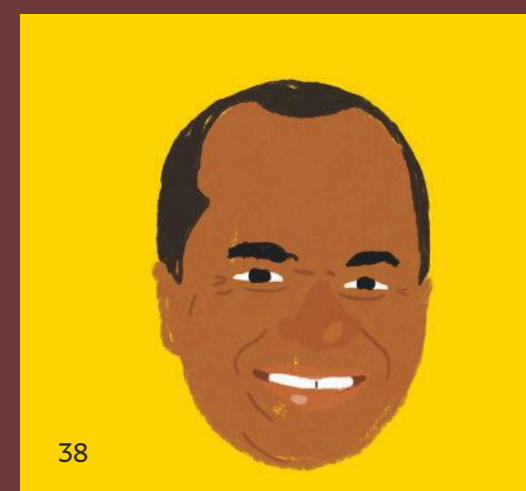
35



36



37



38



39

- 28. Renato Cafuzo
- 29. Rodrigo Cândido
- 30. Letícia Moreno
- 31. Rodrigo Andrade
- 32. Juliana Barbosa Pereira
- 33. Aju Paraguassu
- 34. Alexandre Silva
- 35. Aline Bispo
- 36. Caio Zero
- 37. Cau Luiz
- 38. Dalton Paula
- 39. Edson de Souza



40



41



42



43



44



45



46



47



48



49



50

- 40. Gabriel Ben
- 41. Ianah Maia
- 42. Lhaiza Morena
- 43. Amora Moreira
- 44. Larissa de Souza
- 45. Tutano Nômade
- 46. Beatrice Ramos
- 47. Paty Wolff
- 48. Aline Guimarães
- 49. Flávia Borges
- 50. Goya Lopes



UM QUINTAL RABISCADO

JOSIAS MARINHO ²

Escrevo olhando para uma mancha aqui na parede branca em minha frente. É um risco com movimento ascendente, considerando a intensidade do traçado cinza, que força o desenho. Deve ter sido feito ao acaso, com o atrito de algum objeto pontiagudo e que foi liberando, trocando tinta com a parede. E vez ou outra me pego observando atentamente esse desenho a fim de me deixar impregnar por essa abstração e construir sentidos. Sou Josias. Ilustrador. Professor. Um homem negro de pele escura como a noite (amo essa comparação!) e cabelos crespos modelados como dreads.

2 - Josias Marinho Casadecaba é professor-artista na Universidade Federal de Roraima (UFRR) e autor do livro “Benedito”, publicado pela editora Caramelo em 2014. Ele nasceu na região quilombola Forte Príncipe da Beira, em Rondônia, e é filho de Dona Augusta de Jesus e Seu Pedro Marinho. Josias possui graduação em Desenho e licenciatura em Artes Plásticas pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (EBA/UFMG). Três de suas publicações receberam reconhecimento no Selection of Brazilian writers, illustrators and publishers Bologna Children’s Book Fair, nos anos de 2010, 2012 e 2014. Os livros premiados foram: “Zumbi dos Palmares em cordel”, publicado pela Madu Costa e Mazza Edições em 2013, “O príncipe da beira”, pela Mazza Edições em 2011, e “Omo-oba: histórias de princesas”, pela Kiusam de Oliveira e Mazza Edições em 2009. Seu trabalho mais recente como ilustrador é o livro “O mar de Manu”, publicado pela editora Yellowfante em 2021, com texto de Cidinha da Silva, que recebeu o prêmio na categoria “livro infantil” pela Associação Paulista dos Críticos de Arte de São Paulo (APCA) no mesmo ano.



1

comum a contação de histórias à luz das lamparinas. Ah! Eu lembro de uma vez que uma sucuri pegou meu pai! Mãe contou que ele estava voltando de uma pescaria, saltou da canoa já no porto no caminho de casa e a danada deu o bote nele. Ela estava enlaçada nas raízes submersas de uma árvore e o puxou para dentro d'água. Foi uma luta assustadora, mas ele estava com um terçado e lembrou que se passasse a lâmina no corpo da cobra no sentido contrário das escamas, ela o soltaria. Foi o que ele fez e se livrou daquela sucuri mediana, mas com uma fome voraz!!!

Ainda tínhamos outro costume. Ao acordar, já ouvíamos o som de músicas, conversas e sentíamos o cheirinho de café. Um sinal de que mãe já estava na cozinha com o rádio sintonizado na Nacional de Brasília. Foi nesse mesmo rádio, sobre a geladeira, que eu ouvi as primeiras histórias contadas a partir de livros. Tinha um programa dedicado ao público infantojuvenil, e o nome da radialista era Tia Heleninha, se eu não me engano. No horário do

programa, minha mãe nos chamava e nos colocava sentados na escada da cozinha para ouvir as histórias. As histórias da literatura me deixavam muito curioso, mas tinham poucas ou quase nenhuma história que falava sobre o meu mundo ali no Norte, ou que falasse sobre mim, um menino negro. E, na época, o que mais se aproximava desse contexto eram as histórias classificadas como folclóricas e que me deixavam em uma situação de vergonha, de não querer ser aquilo, de querer ser o protagonista, o “mocinho” da história. Isso porque eu já tinha visto ilustrações desses personagens, e o que materializava o que o texto versava.

Tudo isso para tentar ilustrar algumas situações que, a meu ver, me aproximaram da experiência que podemos ter com um livro ilustrado. Os acontecimentos acima não foram descritos em uma organização tão cronológica, mas marcam minha infância e juventude, a relação com a escrita, com a leitura, com a oralidade e com a criação e fruição

1. Ilustrador/a Josias Marinho
Livro **O Príncipe da Beira**
Escritor/a Josias Marinho
Editora Mazza, 2011
2. Ilustrador/a Isabela Santos
Livro **Menino Benjamim**
Escritor/a Otávio Júnior
Editora Yellowfante, 2022
3. Ilustrador/a NeMaria
Livro **Tainá a guardiã das flores**
Escritor/a Ayana Sobral
e Cristiane Sobral
Editora Avá, 2018

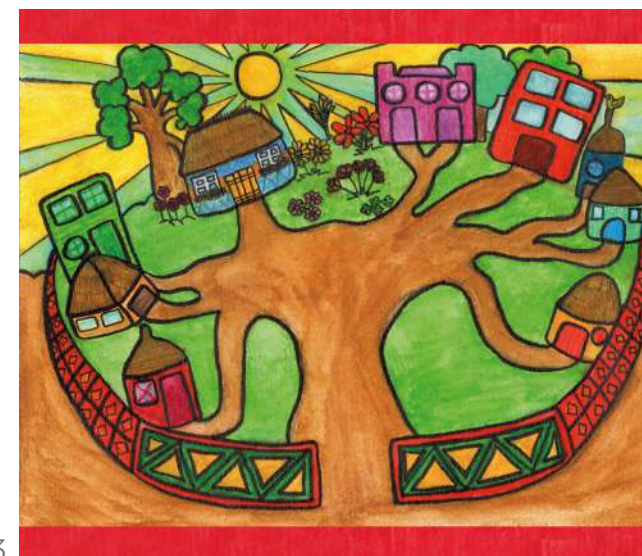
Compartilho uma reflexão desse lugar do ilustrador. Relaciono-o livremente com o brincar, a oralidade, as plasticidades e a Literatura, a fim de construir uma narrativa com o que me afetou e que segue sendo um dos caminhos que tomo ao pensar em livros e ilustrações que eu gostaria de produzir e depositar nas mãos dos leitores.

Jamison e eu brincávamos no quintal construindo estradas, pontes, canoas, barcos, aviões e casinhas com lascas de madeira, penas, folhas e galhos secos. Criávamos bois, onças, cavalos e cutias utilizando abacates e mangas verdes que caíam das árvores. O que não dava para modelar ou esculpir, nós desenhávamos no chão de terra molhada e de terra seca.

O quintal era nosso material artístico! O primeiro brinquedo de plástico que ganhamos nos foi dado por nosso irmão Hélio: duas girafas, dois tratores e duas caçambas. Não lembro se, na época, nós sabíamos o que era uma girafa ou sobre a savana africana e sua cultura, mas recebemos as girafas com sorrisos largos e sinceros, dando para cada uma um nome especial. Aquela maneira de brincar e de se relacionar com aquele ambiente acolhedor nos proporcionou momentos criativos marcantes. Nós não tínhamos televisão em casa e a contação de histórias fazia parte do nosso cotidiano. Vivíamos na região quilombola de Forte Príncipe da Beira, no estado de Rondônia, às margens do rio Guaporé e na fronteira com a Bolívia. Durante a noite era



2



3



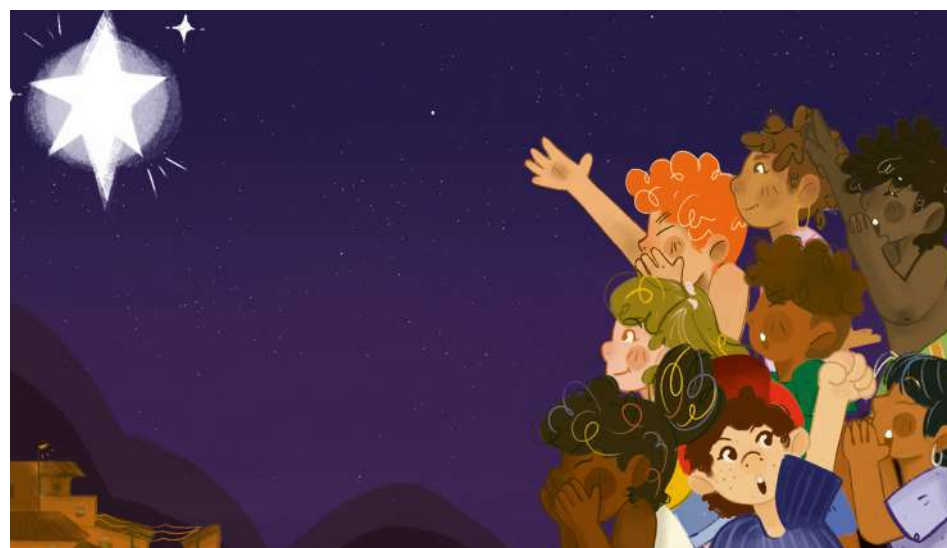
4

4. Ilustrador/a **Gabriel Ben**
Livro **A Luz de Aisha**
Escritor/a **Aza Neri**
e **Luana Rodrigues**
Editora **Rebuliço**, 2011

5. Ilustrador/a **Letícia Moreno**
Livro **Morro dos Ventos**
Escritor/a **Otávio Júnior**
Editora **Editora do Brasil**, 2020

6. Ilustrador/a **Larissa de Souza**
Livro **Uma boneca para Menitinha**
Escritor/a **Penélope Martins**
e **Tiago de Melo Andrade**
Editora **Caixote**, 2022

7. Ilustrador/a **Dalton Paula**
Livro **Homem-Bicho, Bicho-Homem**
Escritor/a **Itamar Assumpção**
Editora **Caixote**, 2021



5

de imagens artísticas. E essa minha subjetividade contamina e favorece para que eu produza, como ilustrador, imagens e livros que possam contribuir com o preenchimento dessa lacuna sobre os negros em uma perspectiva positiva, protagonista, humanizada na literatura brasileira.

O lápis das ilustradoras e dos ilustradores seria como um raio que ilumina o céu (e o texto), nos chamando a atenção para ele, enquanto sua luminosidade nos permite ver detalhes de um ambiente. E com um pouco mais de atenção, poderemos perceber detalhes naquele ambiente, naquela página. São camadas de percepção que se misturam às cores, aos traços, àquelas texturas que dão vontade de passar o dedo para tentar sentir um atrito. A ilustração pode te convidar a ir além. Te sugerindo virar página por página em um movimento de ir e vir, de virar e desvirar. Te apresenta uma

concretização possível para aquela leitura. Pode ser tinta, cera, grafite, fotografia, colagem ou pixel. O material gráfico, pictórico utilizado para produzir as imagens vai depender do perfil do profissional e da relação com o texto ou argumento. É o que temos aqui na exposição. A diversidade das situações, dos tons de pele, das vestimentas, as texturas dos cabelos, os penteados...

Por fim, tento encerrar retomando a memória do brincar no quintal de minha mãe e as possibilidades de fruição nesta exposição, onde as ilustrações ganham outras plataformas, outras ambientações, nos lançando para outras experimentações plásticas. Um quintal rabiscado.



6



7



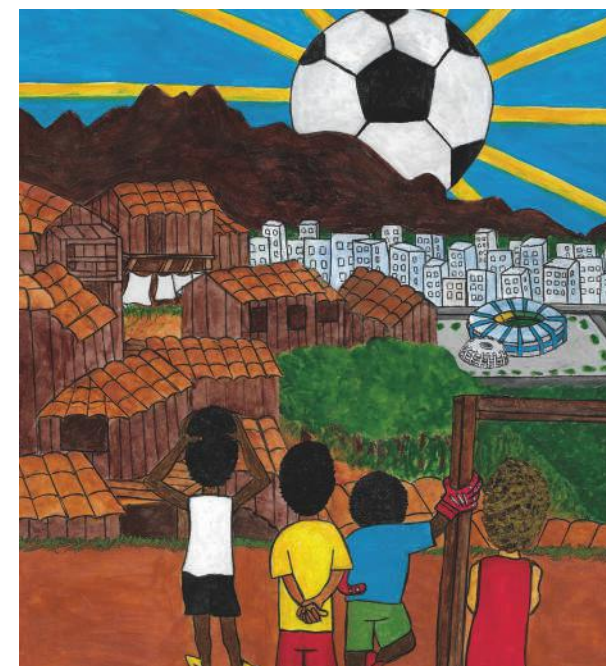
8



9

8. Ilustrador/a Sandro Lopes
Livro **Nana & Nilo – aprendendo a dividir**
Escritor/a Renato Nogueira
Editora Hexis, 2012

9. Ilustrador/a Tamires Lima
Livro **Gordinhas**
Escritor/a Ladjane Alves Souza
Editora EDUFBA, 2021



10

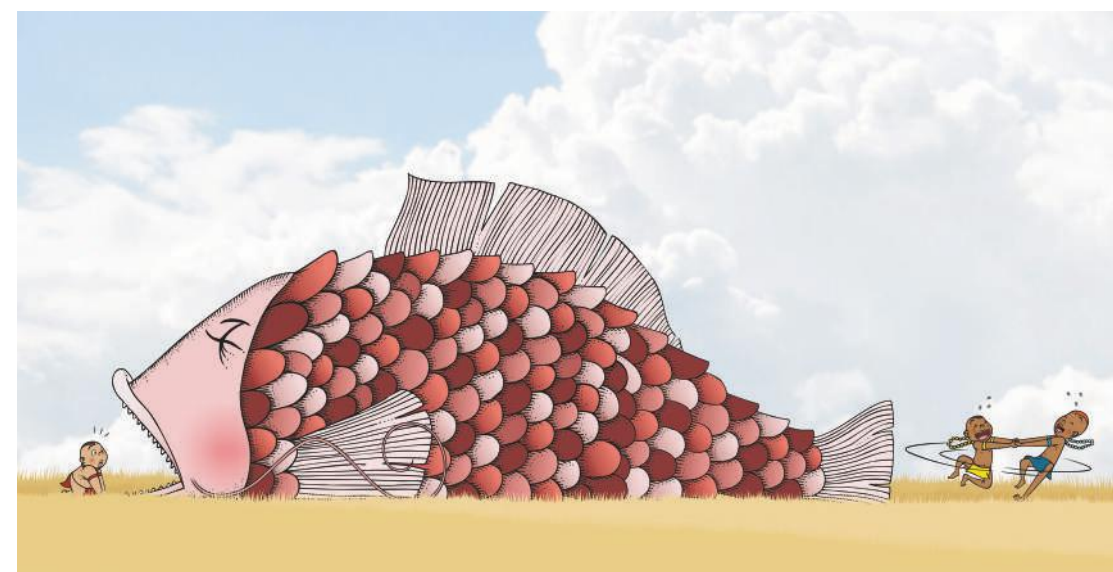
10. Ilustrador/a Alexandre Silva
Livro **Futebol e Assombração**
Escritor/a Juliana Correia
Editora Aziza, 2021

11. Ilustrador/a Edson Ikê
Livro **Sofi, a Pipa Bailarina**
Escritor/a Solange Garcia
Editora Evoluir, 2015

12. Ilustrador/a Zeka Cintra
Livro **Oranyam e a Grande pescaria**
Escritor/a Dayse Cabral de Moura
Editora Mazza, 2014



11



12



UM ENCONTRO, RESSIGNIFICAÇÃO E CONTINUIDADE

RODRIGO ANDRADE ³ E WILL NUNES ⁴

Um projeto de design não pode ser pensado sem deixar de se conectar com os valores e conceitos que o originaram. Como criar um design que se relacione com ilustrações tão potentes e cheias de significados narrativos e imagéticos? As imagens deste catálogo por si só já possuem em sua natureza vozes potentes, mas que eventualmente são ignoradas, e por favor, atendem-se a esse paradoxo no percurso da exposição e deste material ilustrado de leitura.

³ - Rodrigo Andrade era apaixonado por bibliotecas e livros ilustrados durante sua infância. Ele estudou Artes Gráficas e especializou-se em desenvolvimento para web. Atualmente, trabalha na área da educação digital criando conteúdo multimídia e animações. Rodrigo já ilustrou diversos textos de renomados autores, como “O black power de Akin” e “Akili está feliz” de Kiusam de Oliveira, além do livro “Do Òrun ao Àiyé - A criação do mundo”, de Waldete Tristão. Ele também lançou seu primeiro livro como autor único, intitulado “O que mamãe não sabe...” (2023). Em seus desenhos, Rodrigo busca constantemente formas criativas de abordar o lúdico e a diversidade em todas as suas formas. O espírito do menino negro das bibliotecas, repleto de imagens na mente, está sempre presente e reflete em tudo o que ele faz.

⁴ - Willams Nunes, também conhecido como Will Nunes, é sergipano e reside em São Paulo desde 2018. Atua como designer gráfico independente e designer na Rede Globo/RJ. Sua força criativa para desenvolver seus trabalhos vem de um olhar curioso e do interesse por diferentes culturas, que o levam a explorar diversas linguagens e construir abordagens visuais únicas, imprimindo universos paritluclares e com personalidade em cada projeto. Faz isso em diferentes disciplinas do design, incluindo identidade visual, editorial, ilustração e direção de arte. Seu trabalho foi reconhecido na 13ª e 14ª Bienal Brasileira de Design Gráfico da ADG Brasil, com um projeto Destaque em 2024. Também recebeu prêmios no LAD Awards (2021, 2024), Brasil Design Awards (2020, 2021, 2022, 2023) e Prêmio CLAP Espanha (2021), além de ter sido finalista no Prêmio Bornancini de Design (2022). Já integrou júris de diversas premiações e eventos de design no Brasil, como o Prêmio Brasileiro de Design (BDA) e a Bienal Brasileira de Design Gráfico da ADG Brasil.

Cada imagem, com sua voz, com sua história, fala diretamente aos olhos de tantas infâncias que seguem em crianças de hoje e crianças de ontem, essas, por sua vez, escondidinhas, quietinhas quietinhas, acanhadas em adultos do agora.

Foi esse desafio-presente que recebemos pra interpretar. Mas tem um outro presente que ganhamos: o nosso encontro. O processo criativo por trás da identidade visual da exposição traz muito significado a tudo isso e nos conduziu para além do sentido de parceria, elevando à ancestralidade. O percurso de cada diálogo e as trocas de referências nas quais buscávamos refletir e compreender o todo, nos levaram por um caminho de encontro com a riqueza cultural e visual dos símbolos Adinkras. Exu acertou um alvo ontem, com uma pedra que só jogou hoje, pois em um contexto de sociedade em que pessoas negras dialogam solitárias em seus fazeres e buscas, ter uma troca de fato só pode ser algo mágico. Mas não aquela magia medieval que persiste em estar no nosso imaginário, cercado por referências ocidentais, mas a magia sutil como os contos de um griot, cuja história encontra os ouvidos de uma criança em uma roda de contação, aquela magia que reverbera e resulta em algo novo, uma nova mesma história. Foi no encontro do desejo de uma emancipação e reconhecimento dessas infâncias sem idade que buscamos nos Adinkras essa possibilidade de conversa, de diálogo, de encontro para ressignificação e continuidade. E, dessa forma, surge no uso dos Adinkras uma resposta ao desafio que se estabelece nos conceitos de ancestralidade e potência.

Os Adinkras são ideogramas, um dos muitos sistemas de escrita do continente africano, usados pelos povos de língua acã, presentes principalmente na África Ocidental, em destaque entre os Ashanti, no país Gana. No entanto, é possível encontrar esses símbolos em muitos lugares ao redor do mundo, devido às diásporas africanas. No Brasil, ao vasculharmos nossas memórias, nos encontramos com a Sankofa, representado em formato de coração, nos portões de ferro de muitas casas, e que ainda hoje pode ser observado. O Sankofa, que também pode ser representado por um pássaro olhando

para trás, significa “nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou atrás”. Um movimento de referenciar o passado, acessar os saberes ancestrais, para que, no hoje, possamos construir o futuro. Cada símbolo, uma sabedoria, um valor, um provérbio. E os Adinkras, na sua grandeza, nos conduziram com toda força de representar uma das marcas dos muitos conhecimentos que o continente africano desenvolveu. Mas, principalmente, porque é desejo que todas as pessoas que visitem a exposição acessem essa escrita e, porque não, façam uso dela mais e mais.

Com a intenção de fazer crescer a força estética dos Adinkras, nos apropriamos de alguns desses símbolos para desenvolver uma linguagem visual que respeita a rica plasticidade da sua forma e reinterpretamos com uma nova voz, adicionando à sua expressão visual uma camada de ludicidade e imaginação, como a de uma criança que rabisca e cria o seu próprio desenho de Adinkra. Essa liberdade nas apropriações resultou também em uma linguagem vibrante, divertida e acessível para crianças e adultos.

A identidade visual da exposição Karingana – Presenças Negras no Livro para as Infâncias representa um reconhecimento do legado da sabedoria dos Adinkras e abre mais um espaço dentro do campo das artes visuais e do design, para que outros artistas negres possam continuar com novas apropriações, dando forma às suas vozes que se conectam a tantas outras vozes que já vieram, virão e o mantém vivo.



13/14.
Ilustrador/a Goya Lopes
Livro Tecelagem:
uma história ilustrada
Escritor/a Goya Lopes
Editora Solisluna, 2020





15



17



16

15. Ilustrador/a Ana Cardoso
Livro *Betha a bailarina pretinha*
Escritor/a Bethânia Nascimento
Editora Jandaíra, 2021

16. Ilustrador/a Rebeca Silva
Livro *Alika*
Escritor/a Regina Luz
Editora Caramurê, 2019

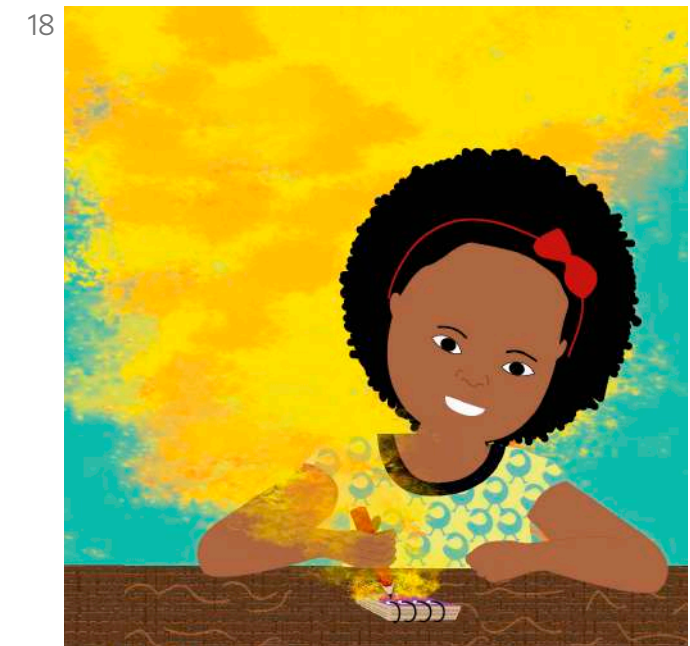
17. Ilustrador/a Ana Maria Sena
Livro *Sinto o que sinto e a incrível história de Asta e Jaster*
Escritor/a Lázaro Ramos
Editora Carochinha, 2019

18. Ilustrador/a Maria Chantal
Livro *Calu uma menina cheia de histórias*
Escritor/a Cássia Vale e Luciana Palmeira
Editora Malê, 2017

19. Ilustrador/a Régis Rocha
Livro *Baby a maravilhosa mirim*
Escritor/a Daniela Aguiar
Editora Afrodinamic, 2018



19



18



AGORA POSSO ME VER NO ESPELHO E SABER-SENTIR DE ONDE EU VENHO!

WALDETE TRISTÃO ⁵

A Exposição Karingana - Presenças Negras no Livro para as Infâncias reflete a autoria de ilustradoras e ilustradores negras e negros nos livros para as infâncias. Ao mesmo tempo, ela ressalta e faz brilhar os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros, conforme elaborado pela pesquisadora, professora e ativista Azoilda Loretto da Trindade, engajada na luta contra o racismo e na educação das relações raciais, ao destacar as cosmopercepções e o cotidiano dos povos da diáspora africana.

5 - Èkèjì (cargo feminino dentro da religião de matrizes africanas), Waldete Tristão é omo (filho/a) de Òsàgiyán (divindade de religião de matrizes africanas). Ela é autora dos livros infantis “Conhecendo os Orixás - De Exu a Oxalá” e “Do Orun ao Àiyé - A criação do mundo”. Além disso, atua como roteirista na Série Anaya de desenhos animados. Desde cedo, na escola, ela tem sido uma aprendiz em constante movimento, explorando temas como infância, relações raciais e antirracismo. Waldete é pedagoga, mestra pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e possui doutorado pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). Ela é uma professora dedicada, tanto para crianças como para adultos. Também faz parte do coletivo de mulheres Ilu Oba de Mín, onde toca xquerê e djembê, e agora expressa sua memória ancestral através da dança.



20

20. Ilustrador/a Beatrice Ramos
Livro *Luená Gaba*
Escritor/a Ricardo Jaheem
Editora Revista África e
Africanidade, 2023

21. Ilustrador/a Pakapym
Livro *Pretinha de Ébano*
Escritor/a Kalypso Brito
Editora Independente, 2016

22. Ilustrador/a Flávia Borges
Livro *Manual de Penteados
para Crianças Negras*
Escritor/a Joana Gabriela
Mendes e Mari Santos
Editora Companhia das
Letrinhas, 2022

23. Ilustrador/a Cau Luis
Livro *Themba o menino rei*
Escritor/a Marcos Cajé
Editora Themba, 2023



21



22

Estaremos diante de contextos ilustrados que expressam aspectos existenciais, espirituais, intelectuais, materiais, objetivos e subjetivos, reveladores de um processo histórico, social e cultural que demonstra que quem não sabe-sente de onde veio, não sabe-sente para onde vai!

Então, aceita o convite para se ver no espelho?

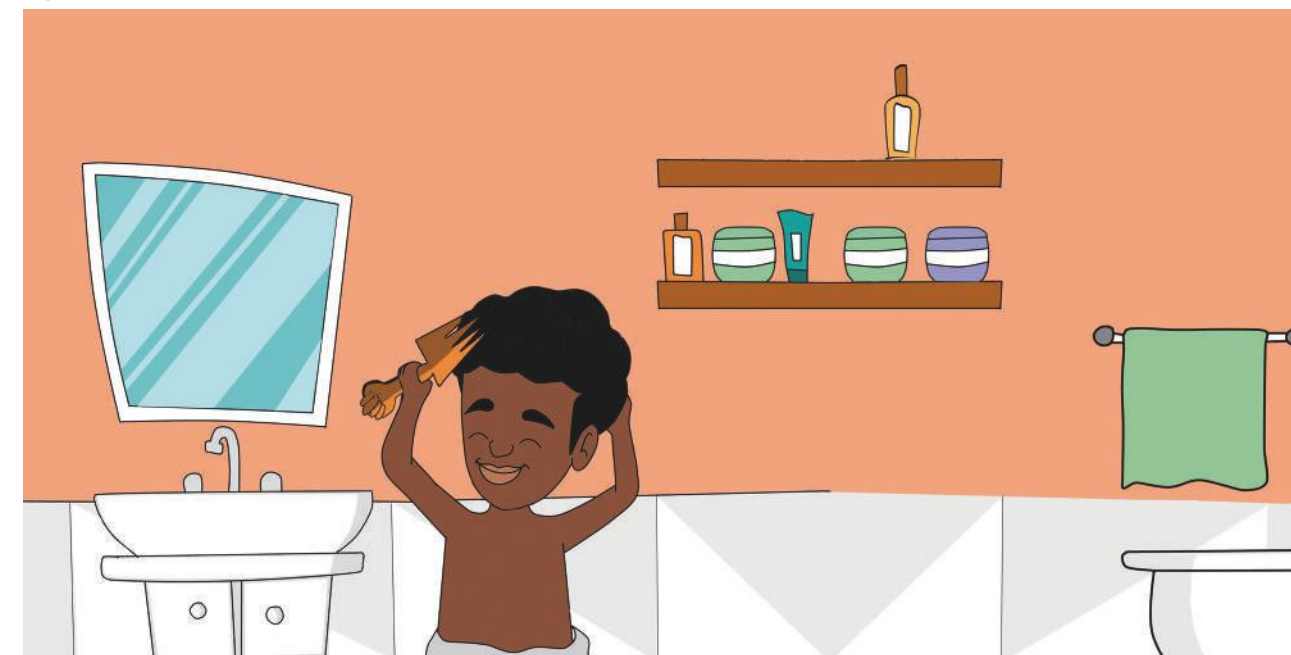
Ver no espelho a Memória de força e coragem revelada na palavra (ofó), na reza (âdúra), nos tambores sagrados (ilú), nos sabores e cores dos nossos ancestrais.

Ver no espelho a Ancestralidade dos reis e rainhas que vieram antes de nós, lembrando que eles sempre estarão presentes em nossos caminhos. Orgulhosamente, mostrar nossos corpos como templos sagrados ancestrais que carregam saberes potentes de cuidar e ser cuidado, ver e

ser visto, entender e ser entendido, afetar e ser afetado, pois onde quer que estejamos, atuamos modificando e transformando existências. Ver no espelho a Religiosidade! Percebendo em nossos corpos templos sagrados uma ancestralidade poderosa que pulsa e atua a todo momento e em todos os espaços, modificando e transformando existências.

Ver no espelho a roda sagrada que resgata o poder libertador da Oralidade. Expressão significativa e valorosa para os povos da diáspora africana, pois em roda somos, existimos ao reviver uma das nossas mais antigas tradições. O poder das palavras, "ofó", carregadas de sentidos, é um instrumento de saber e poder criador, como marcas do nosso passado ancestral, revelando nosso jeito de ser e estar no mundo e, assim, nossa capacidade de comunicação e aprendizado. Ver no espelho o bailar! A musicalidade simbólica

23



que é parte ativa do nosso cotidiano, expressando muito do que pensamos e somos, ao mesmo tempo em que promove momentos únicos de costura entre corpos integrados e em harmonia. Ao som da música, que estimula os sentidos e afeta a nossa forma de estar no mundo.

Ver no espelho existências em Cooperação. Reconhecendo as manifestações da vivência em comunidade no corpo/memória ancestral, que mobiliza a construção de espaços diversos de educação e convivência, rumo a uma sociedade que trate todos os sujeitos de forma igualitária. Ver no espelho que todo o sagrado está em constante interação. Sentindo o Axé, a energia vital, presente em todas as formas de vida e existência: na natureza, na água, nas pedras, nas pessoas, nos animais, no ar e no tempo. Tudo é sagrado e esta interação, sentindo o Axé, nos move como seres humanos, tornando-nos resilientes e atuantes. Ver no espelho a existência, reconhecendo o sentido de ser e estar no mundo como nós mesmos, pois a corporeidade negra é aquela que carrega a realeza e a beleza da África reinventada no Brasil. Ver no espelho a celebração da vida! Experimentando a Ludicidade ao sorrir, brincar e nos divertir, pois são caminhos para o encontro e a vivência coletiva que tocam o outro, oferecendo experiências de alegrias e celebrações. Existindo plenamente e felizes, lembrando o compromisso ancestral de sermos felizes.

Ao nos olharmos no espelho, vemos a roda e nos tornamos parte dela! Provando a troca de olhares e a percepção dos sentidos e sentimentos presentes nas relações que a Circularidade proporciona. A roda move encontros, movimenta corpos, palavras e sensações daqueles que vivem, existem, são e estão no mundo.

Que esta exposição seja um convite contínuo para que você se perceba no espelho!



24

24. Ilustrador/a Ayodê França
Livro **Omo-oba: histórias de princesas e príncipes**
Escritor/a Kiusam de Oliveira
Editora **Companhia das Letrinhas**, 2023

25. Ilustrador/a Ani Ganzala
Livro **Beata: a menina das águas**
Escritor/a Elaine Marcelina
Editora **Malê**, 2021



25



26

26. Ilustrador/a Bárbara Quintino
Livro *Meu nome é Raquel Trindade*
Escritor/a Sonia Rosa
Editora Zahar, 2023

27. Ilustrador/a Rodrigo Cândido
Livro *Quilombolando*
Escritor/a Heloísa Pires Lima
Editora Estrela, 2022

28. Ilustrador/a Renato Cafuzo
Livro *Tapera encantada*
Escritor/a Sinária Rúbia
Editora Aziza, 2019

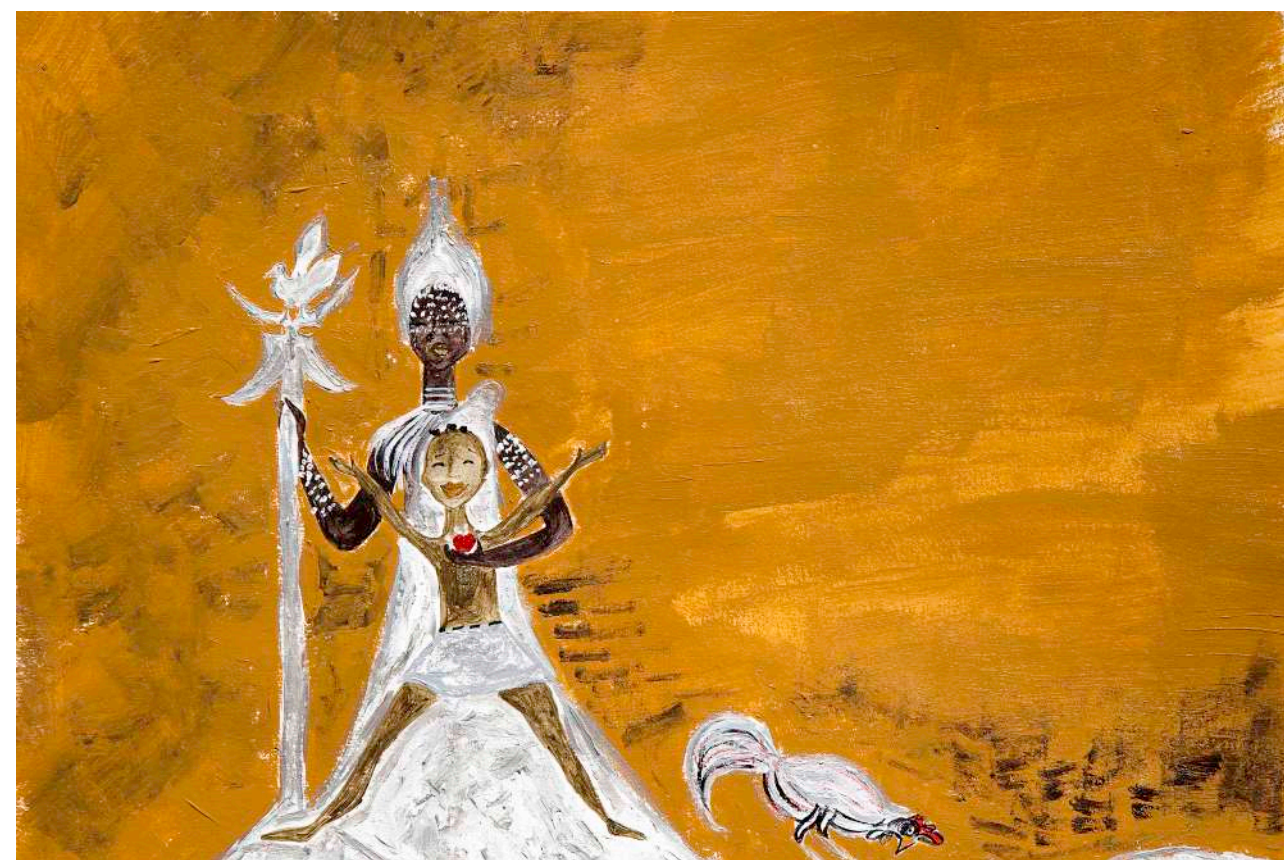
29. Ilustrador/a Luciana Nabuco
Livro: *Okan - a casa de todos nós*
Escritor/a Luciana Nabuco
Editora Quase Oito, 2018



27



28



29



O CONserta-CABEÇA ÁFRICA: UMA IMAGEM EM VÁRIOS FRAGMENTOS

HELOISA PIRES LIMA ⁶

“Karingana” é uma palavra na língua ronga, falada em Maputo, Moçambique, ligada ao momento de ouvir e criar juntos uma história. O início dos temas engenhosos é absolutamente provocante. O contrato está na expressão “Karingana ua Karingana”, a que todos se comprometem respondendo “Karingana”. O ato de narrar pede opiniões, integra as respostas, discute com o público e reúne expressões corporais, guturais, musicais sem perder o ritmo da história. Músicos tocam, pedem para repetir o refrão de cantos e chamam para a dança. A história só começa. A habilidade de envolver orelhas e a comunidade inteira segue em uma duração sem fim. Assim, contar uma história é como cuidar de uma fogueira. Ela precisa permanecer viva e aquecer a memória dos corações.

6 - Heloisa Pires Lima conheceu Ananda Luz, curadora desta exposição, durante o curso de pós-graduação “O livro para a infância”, realizado pela A Casa Tombada em 2019. No entanto, descobriu que Ananda foi aluna de Azoilda Loretto da Trindade, com quem Heloisa trabalhou como consultora para o programa Livros Animados no Canal Futura em 2004. O percurso acadêmico de Heloisa, doutora em antropologia cultural, tem como foco de pesquisa os sentidos culturais e a visualidade. No campo editorial, atua como escritora de livros infanto-juvenis desde 1995, além de exercer funções como editora, consultora e pesquisadora nessa área. Seu interesse em destacar personagens negros tem proporcionado inúmeras oportunidades de encontro.

Com esse espírito, a exposição Karingana - Presenças Negras no Livro para as Infâncias celebra os narradores visuais astutos na travessia do pensar tridimensional para outras superfícies. Inclusive, a impressão no papel provoca a conversa a respeito da origem africana e as infinitas recomposições no tempo da diáspora.

Nomear Karingana é tão importante quanto retomar os sábios ideogramas adinkra das sociedades akan, que transitam por séculos ao noroeste do continente. São mais de duzentos símbolos. Dizem que foram revelados em sonhos pelos ancestrais como orientação para a paz entre os diferentes povos de akan. Um desses símbolos (palavras), talvez mais famoso entre os brasileiros, é Sankofa, a imagem do pássaro mensageiro que se move para frente com a cabeça voltada para trás. E qual o significado disso? Voltar e buscar algo esquecido, sendo um lembrete sobre a importância de aprender com o passado ao seguir em direção ao futuro. Pois, lá atrás, africanos desembarcados nas Américas, fazem parte da descendência e da história da vida brasileira de hoje? E as realizações de hoje impactarão o futuro. Não existem apenas números extraordinários de populações vindas do continente africano.

Há muitos saberes desembarcados e entrelaçados, ativamente, para novos arranjos e sentidos que se alimentam dos antigos. O povo iorubá, vigoroso em regiões da Nigéria, Togo e Benin, trouxe consigo os orixás, divindades tornadas parte da identidade do Brasil. Outra religiosidade, a umbanda, tem um jeito banto de ser. "Banto" refere-se a uma família de línguas espalhadas por mais da metade do território africano. Entre essas línguas, palavras como a divindade Nzambi, atravessaram o mar. A tradição das benzedeiras, as diferentes sonoridades dos tambores e, além deles, os instrumentos de corda, metais, sopros e as cirandas, juntamente com as comidas e muito mais a ser descoberto, mostram as conexões entre aqui e lá. Essas conexões são uma maneira de preservar a memória dos antigos reinos, como as congadas, que têm uma presença marcante nas regiões do país com uma forte influência negra. A monarquia no Congo e seus súditos expressam sua identidade através da prática da congada, que envolve a dança, e estão presentes em diversas vertentes religiosas. Uma dessas vertentes é o cristianismo católico popular, que venera santos negros como São Benedito, figura central na crença animada do "Benedito, o bem-dito!", presente no centro da exposição.

30



31

30. Ilustrador/a Tutano Nômade
Livro **Afrofuturo**
Ancestral do Amanhã
Escritor/a Henrique Andre
Editora Kitembo, 2022

31. Ilustrador/a Caio Zero
Livro **Cavaleiro Macunaíma**
Escritor/a Caio Zero
Editora Incompleta, 2022

32. Ilustrador/a Maurício Veneza
Livro **Nina África: contos de uma África menina para ninar gente de todas as idades**
Escritor/a Lenice Gomes, Arlene Holanda, Clayton Gomes
Editora Elementar, 2009

Na sequência, saudar os quilombos ainda está muito associado à ideia de fuga. Porém, as novas gerações precisam saber que quem foge, não enfrenta. E o maior e mais longo enfrentamento para restabelecer a vida livre está no histórico dessas comunidades. Quilombolas estrategistas conseguiram ser mais hábeis que poderosos escravizadores. Um salve à Palmares, representante dos caminhos abertos na mata, da construção de defesas após refazerem a liberdade. Foi na troca com as árvores que conseguiram a cera transformada em luz pelas serras, florestas e fundo de ilhas.

Em pleno 2023, se conhecimento troca conhecimento, a cidadania negra busca o acesso a todos eles, seja a dança de outras origens, as tecnologias globalizadas ou o talento expresso em múltiplas áreas e linguagens. E no detalhe desse universo, estão os ilustradores. Entrar e sair de livros que moram em prateleiras é um cuidado com o imaginário, pois o encontro entre gerações apresenta o mundo. Mesmo os pequerruchos seres podem entrar em contato com ideias sobre um lugar chamado África. Da mesma forma, os infindáveis padrões artísticos existentes naquelas extensões nos avisam sobre



32

a exuberância para as ilustrações em nossos dias. Seja a arte rupestre ou a expressão corporal de um cavaleiro sobrevivido milenarmente na escultura de um bastão da Núbia, ou o design contemporâneo, revelam redescobertas para o remodelar. Pois, se estamos acostumados às ofertas literárias sugestivas de arquiteturas, paisagens e figurinos em repertórios fabulosos de demais continentes, inconscientemente elas cristalizam espelhos para a realidade, principalmente, questionam qual é o meu lugar nela.

Essa escala, tendo a referência negra, é muito recente. Por isso, estabelecer uma maior equidade nos acervos à disposição é tarefa para pensar a diversidade de diferentes pontos de vista. Só ela alarga a visão. Que venha, então, o futuro como o afrofuturismo insiste em prospectar, cutucando por novas e potentes narrativas. E como a colmeia das abelhinhas, o mel desta exposição está nas ilustrações. A ideia do Carômetro, de um lado o livro e, virando, quem o ilustrou, as esculturas gigantes, a dança e o espaço do contar completam o combinado de fazer Arte. As instalações brincantes não perdem de vista, à sua maneira, o letramento racial, aquele em que ser preto e preta é valioso em leituras construtivas. No fundo de tudo isso, está o espírito da ancestral Azoilda Trindade, educadora que ensinou muito sobre amorosidade, toda a equipe do Sesc e os parceiros reunidos pela curadoria, cada um com seu traço para criar uma história.

E assim, descomeça e desacaba no vice-versa, este pedacinho de lembranças dentro da cabeça da exposição Karingana.

33. Ilustrador/a Aju Paraguassu
Livro *Sejamos Todos Feministas*
Escritor/a Chimamanda
Ngozi Adichie
Editora Companhia das
Letrinhas, 2021

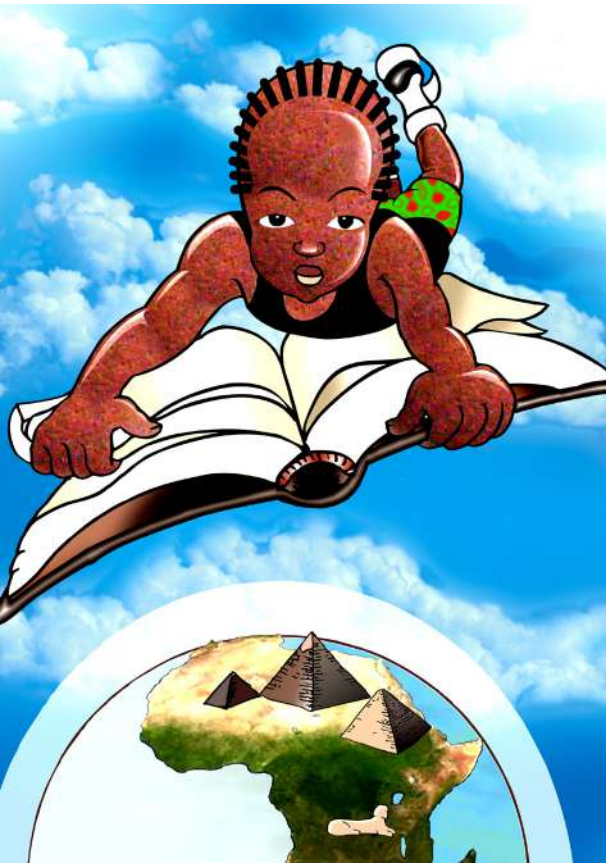
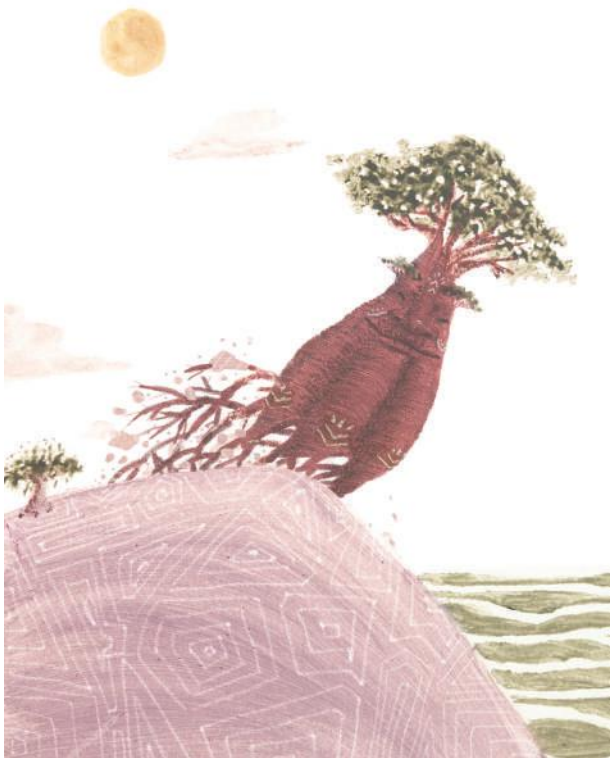
34. Ilustrador/a Ianah Maia
Livro *Uma aventura
do Velho Baobá*
Escritor/a Inaldete
Pinheiro Andrade
Editora Zahar, 2021

35. Ilustrador/a Edmilson
Quirino dos Reis (Coyote)
Livro *OruKomi (meu nome)*
Escritor/a Esmeralda Ribeiro
Editora QuilomboHoje, 2007

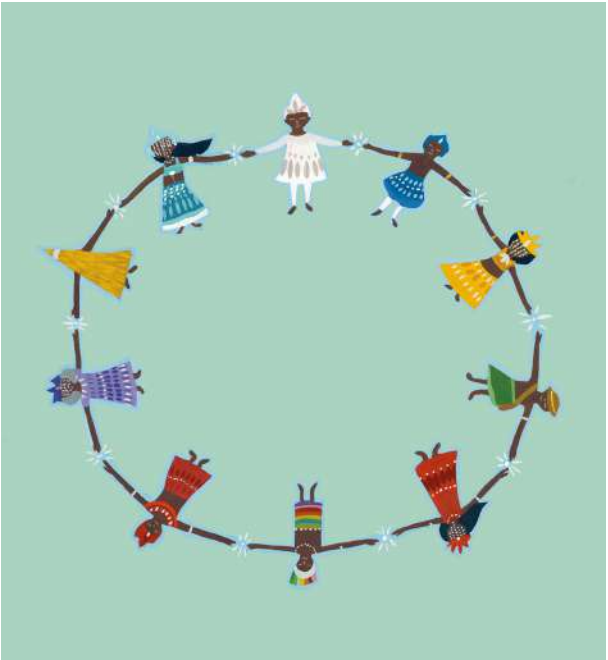
36. Ilustrador/a Liu Olivina
Livro *Ciranda em Aruanda*
Escritor/a Liu Olivina
Editora Quatro Cantos, 2021

37. Ilustrador/a Rubem Filho
Livro *Embolando Palavras*
Escritor/a Madu Costa
Editora Peninha Edições, 2014

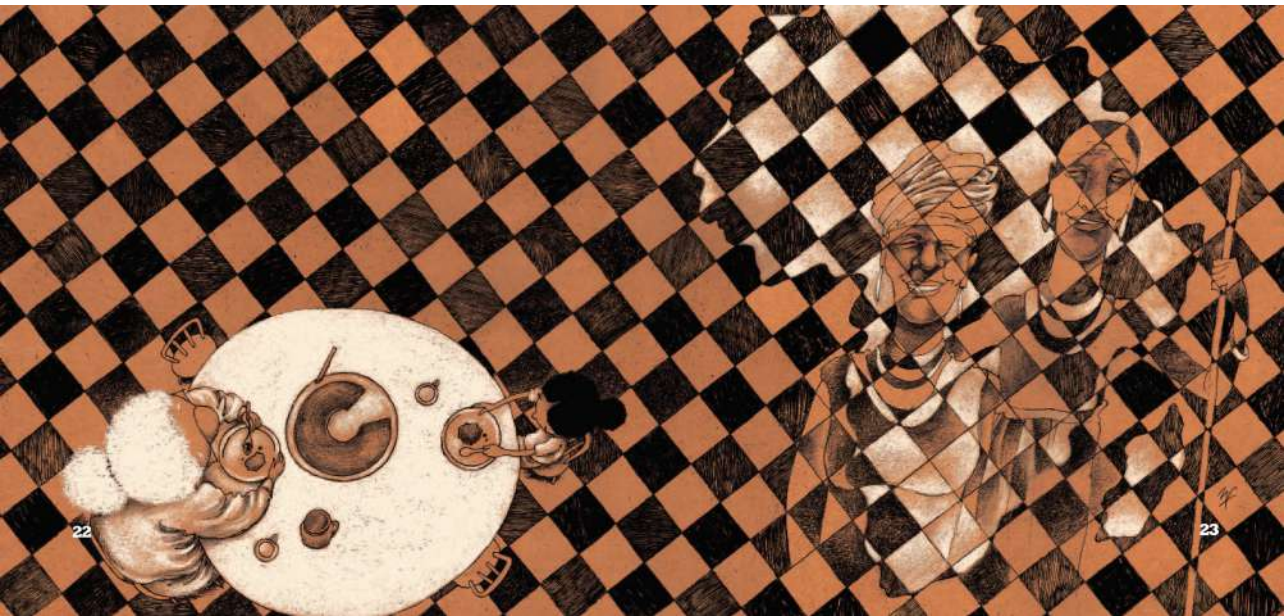
34



35



36



37

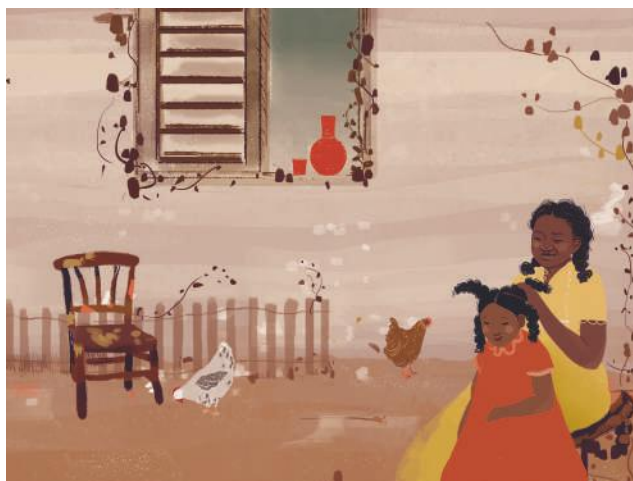


38

38. Ilustrador/a Rodrigo Andrade
Livro *O que mamãe não sabe*
Escritor/a Rodrigo Andrade
Editora Caixote, 2023

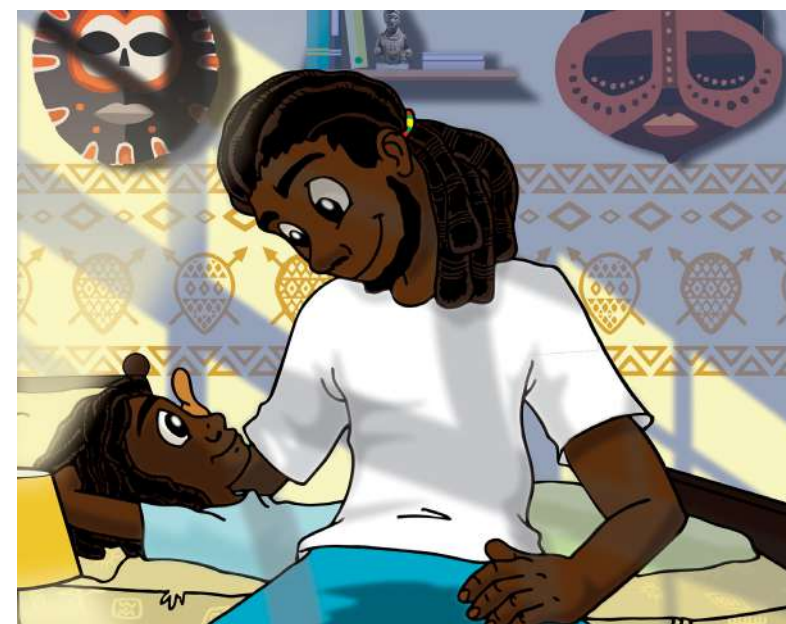
39. Ilustrador/a Fernanda Rodrigues
Livro: *Os Dengos na Moringa de Voinha*
Escritora: Ana Fátima
Editora: Brinque-Book, 2023

39



40

40. Ilustrador/a Juba Meireles
Livro *Princesas Negras*
Escritor/a Ariane Celestino Meireles
e Edileuza Penha de Souza
Editora Malê, 2019



41



42

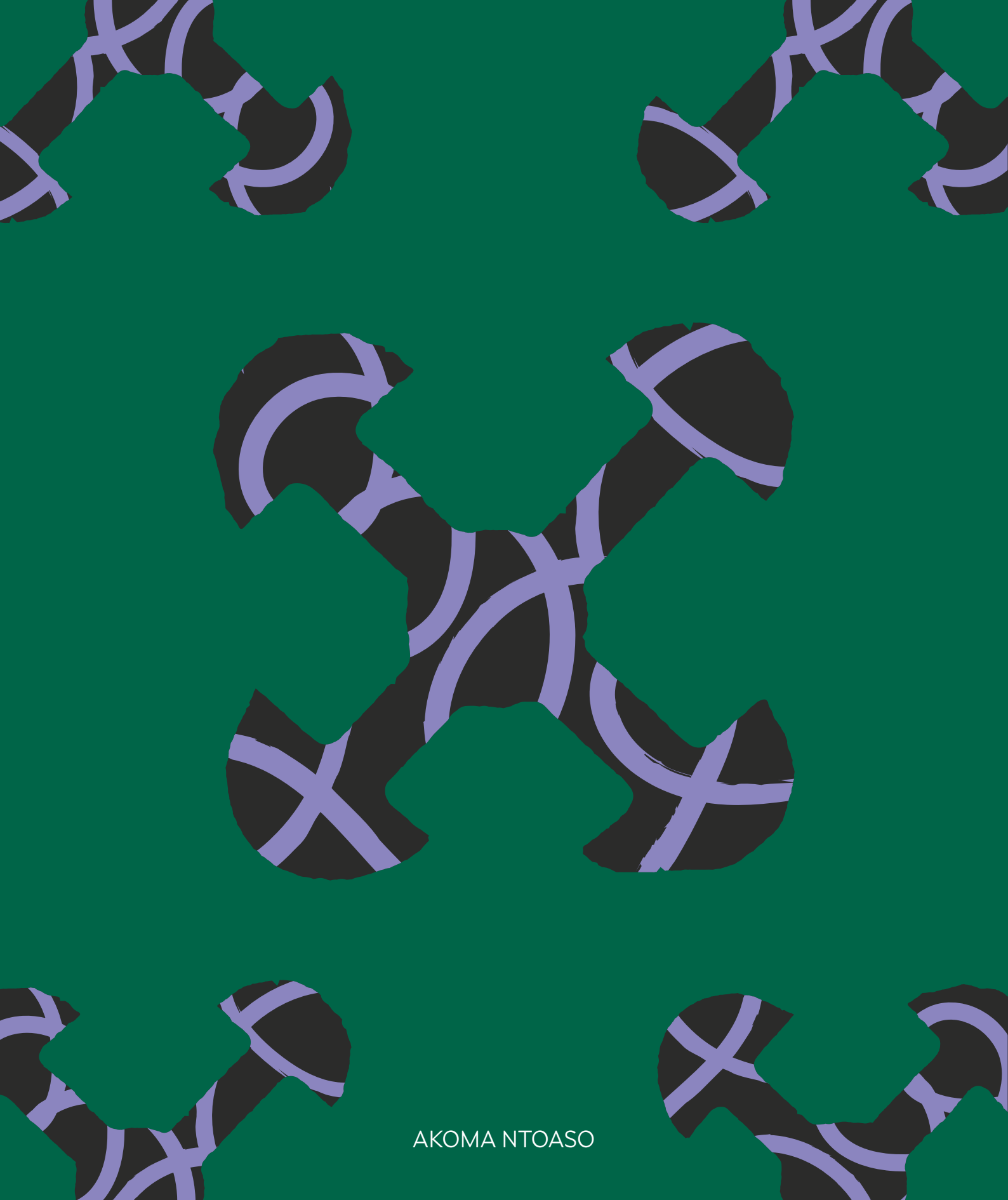
41. Ilustrador/a Edson de Souza
Livro *De onde você veio Odé?*
Escritor/a Niní Kemba Náyò
Editora Independente, 2021

42. Ilustrador/a Flávia Carvalho
Livro *O rei que assobiava*
Escritor/a Heloisa Pires Lima
Editora Passarinho, 2022

43. Ilustrador/a Amora Moreira
Livro *Tayó em quadrinhos*
Escritor/a Kiusam de Oliveira
Editora Companhia das Letrinhas, 2021

43





NÃO ANDAMOS SÓS...

ANANDA LUZ

Muitas pessoas nos deram as mãos para construir essa exposição. São elas grandes pensadoras, pesquisadoras, professoras, artistas, militantes, criadoras de livros, que contribuíram para construir a narrativa da exposição. Entre elas, queremos destacar a Azoilda Loretto da Trindade, nossa Azô, intelectual, militante, professora e pesquisadora, que em sua trajetória, teceu afeto e luta contra o racismo a partir da educação para as relações étnico-raciais. Nasceu em 1957 e fez a passagem em 2015, mas continua viva entre nós e nessa exposição, pois nos apresentou, por meio de suas pesquisas, os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros, que são: ancestralidade, circularidade, religiosidade, corporeidade, ludicidade, energia vital, oralidade, cooperativismo, territorialidade, memória e musicalidade.



44



45



46

72

Os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros estão presentes nos nossos modos de ser Brasil e foram impressos pelos africanos sequestrados e trazidos de África, assim como por seus descendentes, que carregaram em seus corpos e em suas memórias, valores, conceitos e princípios que contribuíram para se organizarem, resistirem e existirem nesse novo território. Esses valores afirmam e reafirmam a vida e constituem a cultura brasileira. Dialogar com esses valores é perceber que há muito do continente africano em nossa história e cultura; é um convite para encontrar nossas origens e (re) conhecer as marcas da África, em suas diversidades, (re)elaboradas pelos africanos e africanas e seus descendentes que para o Brasil vieram e construíram, e ainda constroem, a sociedade que vivemos hoje.

Na exposição, ao ler os livros que nela habitam, refletimos sobre a presença desses valores de muitas formas. Podemos perceber como cada livro aberto quer nos dizer sobre a circularidade, onde há movimento e renovação, possibilitando a existência coletiva. Na coletividade, é possível fortalecer a individualidade, aprendendo a valorizar o nosso próprio corpo e todas as histórias que ele carrega, ao mesmo tempo em que construímos uma dimensão compartilhada com outras pessoas. Isso é valorizar a vida. É valorizar a ancestralidade, reconhecendo aqueles que vieram antes de nós e possibilitaram a existência plena daqueles que estão chegando. Por isso e por tudo, Azoilda presente!



47

44. Ilustrador/a **Juliana Barbosa Pereira**
Livro **O pequeno príncipe preto**
Escritor/a **Rodrigo França**
Editora **Nova Fronteira**, 2020

46. Ilustrador/a **Aline Guimarães**
Livro **Menino do Congo**
Escritor/a **Márcia Eveli**
Editora **Nova Aliança**, 2022

45. Ilustrador/a **Aline Bispo**
Livro **Serena Finitude**
Escritor/a **Anelis Assumpção**
Editora **Oh! Outra história**, 2022

47. Ilustrador/a **Lhaiza Morena**
Livro **Ei, você!**
Escritor/a **Dapo Adeola**
Editora **Companhia das Letrinhas**, 2021

73

48



50



50. Ilustrador/a Cau Gomes
Livro *Atchim!*
Escritor/a Miró
Editora Cepe, 2019

51. Ilustrador/a Quezia Silveira
Livro *As tranças de minha mãe*
Escritor/a Ana Fátima
Editora Ereginga Educação, 2021



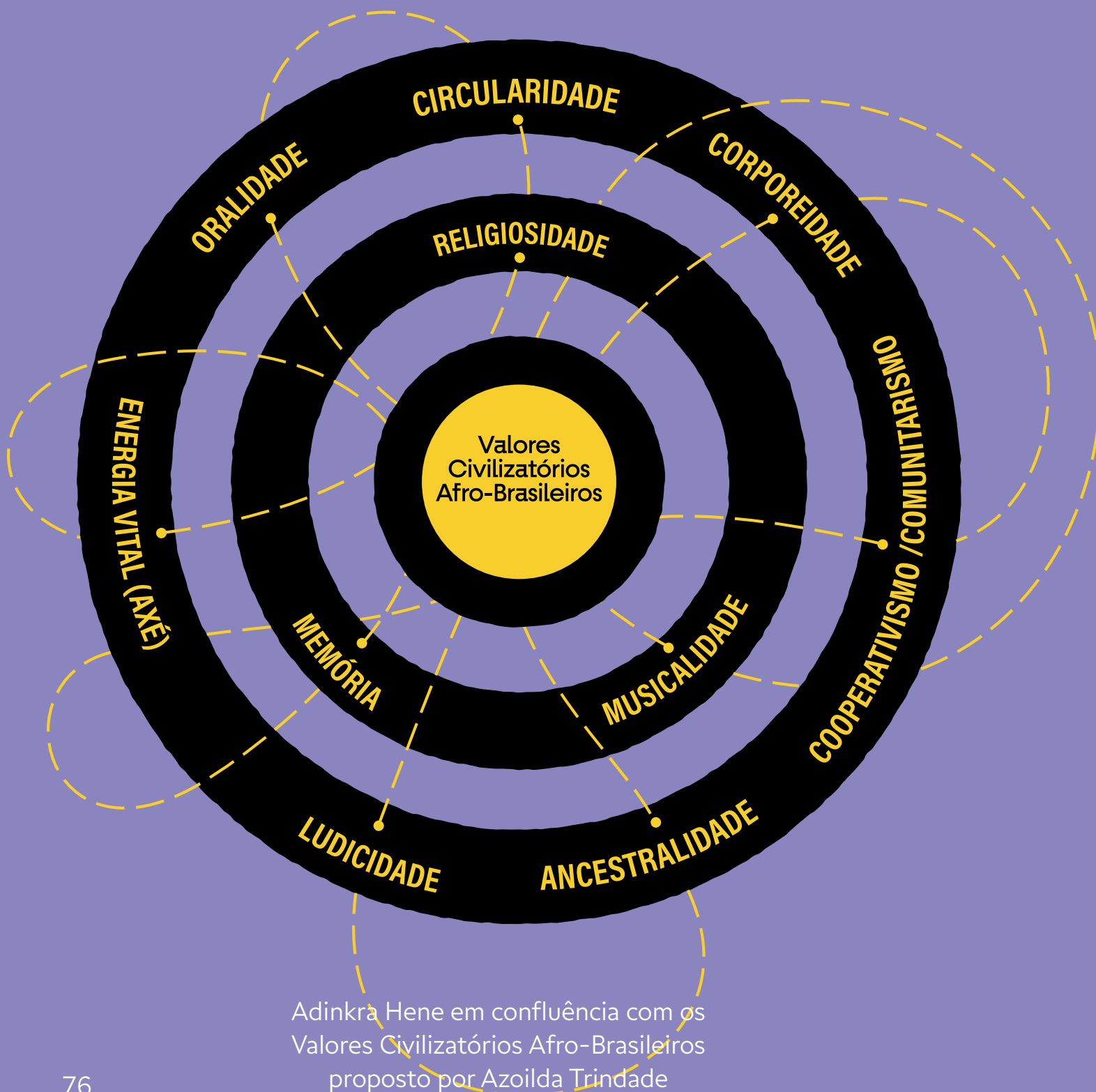
49

48. Ilustrador/a Carol Fernandes
Livro *Fevereiro*
Escritor/a Carol Fernandes
Editora Caixote, 2023

49. Ilustrador/a Patty Wolf
Livro *Azul Haiti*
Escritor/a Paty Wolff
Editora Companhia das Letrinhas, 2025

51





REFLETIR SOBRE ONTEM PARA O AQUI E AGORA

ANANDA LUZ

O Adinkra Hene, símbolo máximo da tradição Adinkra por ser a base para a criação de outros padrões, dialoga com os Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros proposto por Azoilda Trindade na exposição **Karingana – Presenças Negras no Livro para as Infâncias**, realizada pelo Sesc Piracicaba. A arte realizada pelo designer Will Nunes convida para ir ao princípio da essência da mostra desde sua primeira edição no Sesc Bom Retiro, território onde Karingana foi idealizada e teve como base o compartilhamento e a coletividade que, como Nego Bispo diz, é confluência e rende com os encontros. Isso, também, é a grandeza que o Adinkra Hene nos ensina: o comunitarismo.

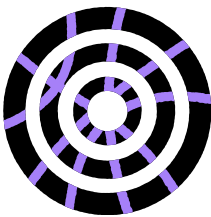
Em um movimento de honrar esta base – ilustração negra, livros e infâncias – a itinerância da exposição também lança percepções para o que veio depois. Karingana, por onde passa, busca realizar diálogos com o passado e o presente para projetarmos futuros. Por isso, nesta edição ilustradoras e obras inéditas se somam ao acervo, algumas são obras de livros recém-lançados e outras dialogam diretamente com o território. Porque a mostra nos provoca a refletir sobre o aqui e agora, sem esquecer o princípio de tudo com a grandeza e prudência que Adinkra Hene que habita a edição de **Karingana – Presenças Negras no Livro para as Infâncias**, do Sesc Piracicaba nos propõe fazer. Cada ilustrador e ilustradora que nela habita traz consigo uma rede de afetos: escritores e escritoras, editoras, leitores e leitoras... tudo porque sabemos que não andamos só e somos força por sermos corpos-coletivos e reconhecemos que para hoje termos uma exposição de artistas da ilustração negros e negras é porque quem veio antes abriu muitos caminhos.

É importante refletir sobre tudo isso porque ainda hoje ser um corpo negro no mercado editorial é um ato de coragem. É desafiar paradigmas e linguagens artísticas universalizantes, é subverter conceitos estabelecidos de beleza e humanidade.

A presença negra, com sua energia vital, é potência criativa, reelabora mundos, reconstrói narrativas e torna nossas histórias públicas. Como confirma o catálogo da Editora Mazza, que há 41 anos – fundada por Maria Mazarello Rodrigues – trilha este caminho-escolha. Seu corpo e de tantos criadores negros e criadoras negras de livros para infâncias seguem insurgindo contra a produção hegemônica a partir da sua presença e escolhas de quais histórias são contadas e como. Seus corpos (re) afirma a vida, como dizia e ainda diz a nossa ancestral Azoilda Trindade: o corpo é vida.

Trazer os Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros que conduz a narrativa da exposição em diálogo com o Adinkra Hene é uma ousadia porque marca o quanto a presença negra nas literaturas convoca para a construção de imaginários afetivos e identidades, numa sociedade, que para ser plural, necessita se encontrar com seus valores civilizatórios afro-brasileiro.

ADINKRAS - SIGNIFICADOS



Hene
Rei de todos os desenhos adinkras, este forma a base para a impressão deles
-
É um dos símbolos mais importantes do sistema Adinkra da cultura Akan. Símbolo da grandeza, da prudência, da firmeza e da magnanimidade.



Sankofa
Varição coração
Nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou atrás
-
Símbolo da sabedoria de aprender com o passado para construir o futuro.



Sesa wo suban
Mude ou transforme seu caráter
-
Símbolo da transformação da vida. Este símbolo combina dois adinkras separados. A “estrela da manhã” significa um novo começo para o dia. Essa estrela aparece dentro da roda, a qual representa o movimento independente. Assim o símbolo fala da dialética, na dinâmica da vida, entre a influência dos fenômenos da natureza e os fabricados ou provocados pelo ser humano - entre o destino e o livre-arbítrio.



Ananse
A teia da aranha
-
Símbolo da sabedoria, da esperteza, da criatividade e da complexidade da vida.



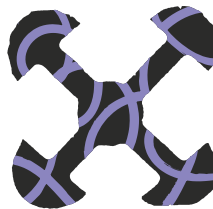
Damedame
Quadrado múltiplo do jogo de xadrez
-
Símbolo da esperteza, da inteligência e da estratégia.



Duafe
Pente de madeira
-
Símbolo das melhores qualidades femininas: paciência, prudência, afeto, amor e cuidado.



Sankofa
Pássaro
Nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou atrás
-
Símbolo da sabedoria de aprender com o passado para construir o futuro.



Akoma ntoaso
Os corações estão ligados ou unidos
-
Símbolo da comunhão e da unidade no pensamento e na ação.

OUTRAS OBRAS DA EXPOSIÇÃO

Ilustrador/a Aline Bispo
Livro **Dandara**
Escritor/a Amanda Julieta
Editora Paralelo 13, 2020

Ilustrador/a Ani Ganzala
Livro **Antonietta**
Escritor/a Eliane Debus
Editora Copiart, 2020

Ilustrador/a Ani Ganzala
Livro **Cara de Espelho**
Escritor/a Heloisa Pires Lima
Editora Salamandra, 2023

Ilustrador/a Bárbara Quintino
Livro **Menina Nicinha**
Escritor/a Evelyn Sacramento
Editora Lendo Mulheres
Negras, 2021

Ilustrador/a Caio Zero
Livro **Rumi**
Escritor/a Caio Zero
Editora Malê, 2021

Ilustrador/a Carol Fernandes
Livro **Cosmonauta**
Escritor/a Mário Alex Rosa
Editora Aletria, 2022

Ilustrador/a Carol Fernandes
Livro **Dandara Guerreira em Cordel**
Escritor/a Madu Costa
Editora Mazza, 2022

Ilustrador/a Cau Luis
Livro **Histórias Pretinhas das Coisas**
Escritor/a Bárbara Carine
Editora Editora da Física, 2022

Ilustrador/a Dalton Paula
Livro **O Jabuti não está nem aí**
Escritor/a Itamar Assumpção
Editora Caixote, 2021

Ilustrador/a Edson Ikê
Livro **Edith e a velha sentada**
Escritor/a Lázaro Ramos
Editora Pallas, 2021

Ilustrador/a Edson Ikê
Livro **Zumbi, assombra quem?**
Escritor/a Allan da Rosa
Editora Nós, 2017

Ilustrador/a Josias Marinho
Livro **Benedito**
Escritor/a Josias Marinho
Editora Caramelo, 2014

Ilustrador/a Josias Marinho
Livro **Cafuné**
Escritor/a Benilda Brito
Editora Palmares, 2010

Ilustrador/a Maurício Veneza
Livro **Como o Criador Fez Surgir o Homem na Terra e outras histórias da tradição Zulu**
Escritor/a Recontadas por Julio e Débora D’Zambê
Editora Mundo Mirim, 2009

Ilustrador/a Quezia Silveira
Livro **Makori a pequena princesa**
Escritor/a Marcos Cajé
Editora Ereginga Educação, 2021

Ilustrador/a Rodrigo Andrade
Livro **Com que penteado eu vou?**
Escritor/a Kiusam de Oliveira
Editora Melhoramentos, 2021

Ilustrador/a Rodrigo Andrade
Livro **Do òrun ao Àiyé - a criação do mundo**
Escritor/a Waldete Tristão
Editora Aziza, 2020

Ilustrador/a Rubem Filho
Livro **Cabelindo**
Escritor/a Lilya Teles
Editora Saberes e Letras, 2021

Ilustrador/a Rubem Filho
Livro **Koumba e o Tambor Diambê**
Escritor/a Madu Costa
Editora Mazza, 2009

Ilustrador/a Josias Marinho
Livro **Catavento**
Escritor/a Heloisa Pires Lima
Editora Caixote, 2023

Ilustrador/a Paty Wolff
Livro **Nísia**
Escritor/a Ana Carolina Marinho
Editora Caixote, 2023

Ilustrador/a Rebeca Silva
Livro **Samba Junino - Sonzinho da Bahia**
Escritor/a Barbara Falcón
Editora Ouricinho, 2024

Ilustrador/a Aline Guimarães
Livro **Assim eu conto a história de Anansi um conto da tradição oral Ashanti**
Escritor/a Márcia Evelin
Editora Nova Fronteira, 2023

Ilustrador/a Fernanda Rodrigues
Livro **Livro tem língua?**
Escritor/a Aliã Wamiri Guajajara & Heloisa Pires Lima
Editora Passarinho, 2024

Ilustrador/a Renato Cafuzo
Livro **Moleque Piranha**
Escritora Renato Cafuzo
Editora Oriki, 2023

FONTE: **Adinkra** - Sabedoria em símbolos africanos
Organização - Elisa Larkin Nascimento e Luiz Carlos Gá Editora **Cobogó**, 2022.

Sesc – Serviço Social do Comércio
Administração Regional no Estado de São Paulo

Presidente do Conselho Regional
Abram Szajman
Diretor do Departamento Regional
Luiz Deoclecio Massaro Galina

Superintendências

Técnico-Social

Rosana Paulo da Cunha

Comunicação Social

Ricardo Gentil

Administração

Jackson Andrade de Matos

Assessoria Técnica e de Planejamento

Marta Raquel Colabone

Assessoria Jurídica

Carla Bertucci Barbieri

Gerências

Artes Visuais e Tecnologias Juliana Braga

de Mattos **Ação Cultural** Érika Mourão

Trindade Dutra **Estudos e Programas Sociais**

Flávia Carvalho **Estudos e Desenvolvimento**

João Paulo Guadanucci **Educação para**

Sustentabilidade e Cidadania Denise de Souza

Baena Segura **Artes Gráficas** Rogério Ianelli

Sesc Piracicaba Fábio José Rodrigues Lopes

Karingana

Presenças Negras no Livro para as Infâncias

Curadoria

Ananda Luz

Equipe Sesc

Adriano Alves Pinto, Aline Almeida, André
Dias, Cesar Albornoz, Fabio Vasconcelos,
Fabíola Tavares Milan, Fabricio Floro, Francisco
Galvão de França, Gabriela Borsoi, Joice de
Lorena Carvalho, Juliana Defavari, Karina
Camargo Leal, Laís de Jesus, Luciane Motta,

Marcela Perencin, Mariana Benatti, Pollyanna
Asbahr, Renato Oliani, Robson Fabrizio Bonilha,
Silvia Eri Hirao e Vivian Marina Pontin

Equipe de Pesquisa Sesc

Aline Tafner, Ana Luísa Sirota, Ana Paula
Cechinel, Ketty Valencio, Larissa Meneses,
Ligia Zamaro, Michael Anielewicz, Otávio
Weber, Paulo Henrique Cavalcante, Suellen
Barbosa e Thais Heinisch

Produção Zeferina Produções Artísticas

Projeto Expográfico Francine Moura,

Pati Nogueira e Amanda Albino **Projeto**

Luminotécnico Danielle Meireles de Almeida

Identidade Visual e Projeto Gráfico Will

Nunes, Rodrigo Andrade e Giulia Lacava

Projeto de Acessibilidade AKA Projetos

Culturais e Janela Produtora **Coordenação**

Educativa Andrea Aparecida de Jesus Mendes

Revisão Textual Layne Gabriele da Silva

Pintura Artística Amauri Ribeiro dos Santos

e Tutano Nômade **Montagem Cenográfica**

Castelo Serralheria **Projetos das Instalações**

Marcelo Dionísio **Execução** Catavento

SuperArte Produções **Transporte de Obras**

Millenium Fine Arts Serviços e Transportes

Iluminação Cênica KL Produções e Eventos